

A rede e o salto

Valter Rodrigues da Silva

alpoetaval@gmail.com

O dia ensolarado era só mais um, daquele escaldante verão carioca. Morro acima, sob pujante tração, deslizava o bonde repleto de turistas munidos de sofisticadas câmeras enlaçadas aos braços, seguindo as recomendações dos guias. As caricatas expressões faciais, mediante cada nova paisagem que se abria no meio da mata, após certas curvas, eram acompanhadas de solfejos quase involuntários, contemplativos e encantados com o que flagravam pelas lentes.

No cume da montanha o sol era impiedoso sobre as cabeças, ainda que cobertas por bonés de marcas, ou por estilosos chapéus de abas largas. Um grupo apreciava o litoral, outro se detinha deslumbrado com a Lagoa. Os amantes de futebol miravam o Maracanã em ângulo oposto, enquanto a maioria, com extrema dificuldade, tentava fixar os olhos e as objetivas no Senhor, que se elevava sobre todos e os mantinha ali, quedados, genuflexos, fiéis. “Fidelidade”. Ninguém reparou no som dessa palavra que viria seguida das seguintes “bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”. Nenhuma câmera com seus recursos tecnológicos, nenhum dedo ágil, nenhum olho atento, nenhum relance foi capaz de perceber o vulto que após proferir tais palavras se precipitara por sobre a mureta de contenção, indo desaparecer no abismo verde que se oferecia como eternidade.

O modo de vida contemporâneo muitas vezes se mostra avassalador em suas imposições e exposições. Ainda que a ordem dessas duas situações faça-se invertida, ainda assim, talvez não constitua diferença significativa. No mundo contemporâneo, ordem, aliás, parece ser algo que naturalmente não deva constar na ordem do dia de ninguém, nem de coisa alguma. Chega ser paradoxal o eco de supostos clamores da sociedade denunciando necessidade de ordenamento, quando há bem pouco tempo atrás a história mundial registrava a urgência, sobretudo dos jovens, por liberdade de atitudes e expressão, em versos de canções e gritos de ordem contra a ordem vigente.

Pois a chegada do terceiro milênio parece ter trazido mudanças prenunciadas no passado por oráculos, as quais, ao longo dos tempos, foram sendo convertidas em senso comum. Uma delas supunha a chegada de um momento em que seria impossível

esconder a verdade. As pessoas não mais teriam como alimentar mentiras perante outras, uma vez que suas vidas estariam devassadas diante de todos, e suas verdades expostas. Um mundo sem mentiras. Um mundo melhor, certamente. Talvez.

Após um dia estafante – como eram quase sempre os seus dias de operador de câmera na expressiva emissora de tevê – chegara tão tarde que a amada esposa já dormia, bem como o casal de filhos. Entrou o mais silenciosamente possível a fim de não interromper o sono sagrado das crianças, nem o descanso do belo e – presumivelmente – fatigado corpo daquela que amava. Mãe cuidadosa, esposa companheira e dedicada. O dia dela, como se revelara já na noite anterior, devia ter sido terrível.

Na cozinha ele encontrou o bilhete preso à geladeira com a breve mensagem: “amor, estou morta”. A julgar pela comida que não fora feita e sim comprada, logo ela, tão afeita aos prazeres da culinária e resistente às refeições de rua, não era de estranhar que já estivesse mesmo dormindo, e já há algum tempo. Chegou mesmo a rir, imaginando-a sucumbindo ao sono, deixando tudo por fazer e cedendo ao cansaço. Certamente, muito contrariada por não ter dado conta do atributo de preparar-lhe a comida, tarefa que não escondia o prazer de executar e que era sempre motivo para elogios e mimos do marido.

Quanto a ele, porquanto o cansaço também tanto o afetasse, do mesmo modo tirava-lhe o sono. Ligou então o computador, na passagem pela sala, enquanto se dirigia ao banheiro a fim de banhar-se e trocar de roupa. A tela ao se abrir ostentava como papel de parede a clássica foto da família em quatro sorrisos, com a inscrição que Vanessa pusera, na qual se liam os versos “minha casa, minha vida, meus amores, minha família”. Como afirmação, ou por outro sentimento pessoal, esta era também a imagem que ela mantinha personalizando sua conta numa rede de relacionamentos.

Ao término do banho, Ângelo trouxe para a escrivaninha um copo de refrigerante e alguns biscoitos. Pensou em olhar as bobagens que se proliferam a cada milésimo de segundo pela rede, com a intenção de relaxar um pouco e pinçar o sono na *web*, nas janelas que eventualmente fossem se abrindo para ele. Navegou por tempo indeterminado pela principal rede de relacionamentos, quando o fechamento involuntário das pálpebras o levou a fechar também o programa. Decidido a se recolher, não pode, no entanto, resistir ao som de mensagem do aparelho celular. Resolveu checar

e acabou divagando entre imagens e vídeos que infestam os aparelhos móveis de telefonia. Recebia-os, incontáveis, de toda gama de remetentes e com toda sorte de conteúdos, raramente sobrava algum tempo para assisti-los, ou sequer abrir tais arquivos. Finalmente ao fazê-lo uma imagem atraiu sua atenção. Oriunda não se sabe ao certo de onde, mas viabilizada por algum grupo em que estava atrelado, provavelmente através de algum conhecido. Com certeza devia ser de um conhecido, pois trazia exatamente o perfil da conta de Vanessa, com a foto da família e os versos da canção.

Com um sentimento que evoluiu da surpresa à ansiedade aguardou que se abrisse completamente a imagem e permaneceu por tempo impreciso observando, tentando entender que mensagem aquela postagem trazia. Os olhos perspicazes do *cameraman* se aguçaram ao notarem uma seta indicativa para baixo, num plano que não se revelava no mesmo campo da imagem principal. Anunciava um vídeo que estava atrelado àquela imagem, um complemento do que se pretendia mostrar, trazendo no primeiro momento, a página inicial da rede de relacionamentos de Vanessa. A turva imagem do vídeo lhe causou um calafrio. Ergueu-se e pensou em buscar água, mas a velocidade da internet o fixou onde estava, pois logo o vídeo se dispunha para apenas um clique. O coração lhe batia como socos por dentro do tórax e todo ritmo de seu corpo foi alterado bruscamente. Com um gesto hesitante tocou a tela onde uma seta acionaria o filme. Eis que, inacreditavelmente, de joelhos e mãos na cama, sua mulher era possuída por um estranho sujeito, enquanto gemia e clamava para que ele não parasse, e fosse mais forte, e sua expressão era de felicidade e dor, e ela ria e se contorcia, forçando para trás as nádegas contra o sexo do amante, e Ângelo já não respirava, enquanto Vanessa ofegava, a musculatura retesada denunciava a força com que comprimia com os dedos o travesseiro, e ele já não segurava o aparelho celular, mas uma lâmina brilhante, que nem soube como nem onde a conseguiu, e já nem estava na sala, mas diante do belo corpo cansado da mulher que tanto amava, da companheira dedicada, da mãe cuidadosa em seu sono merecido, o sono dos justos. A voz dela nas letras do bilhete ribombava renitente em seus ouvidos e o impelia “amor, estou morta”, e ele ia, não enxergava, enquanto ela olhava para trás, mas não para ele, e sim para o estranho sujeito que a possuía, ela transpirando e suplicando para que ele não parasse, que fosse mais forte, mais, mais, o olhar sofrendo e rindo, os lábios descrevendo formas lascivas, e ela impulsionando em solavancos o corpo para trás, mais, mais forte, mais...

Um atroz vendaval percorreu seu corpo, sua mente, e foi como se isso provocasse uma queda de energia. Tudo se tornou escuro e frio por um longo período, até que lhe aparecessem os filhos brincando, sorrindo e chamando por ele. Não havia outro som povoando o mundo em que ele agora figurava. Apenas o som das crianças brincando em sua algazarra, e a imagem delas numa espécie de delírio.

Depois disso, talvez só mesmo numa suposta memória da ordem do metafísico – como creem alguns – possa ter ele levado consigo um registro: a vaga lembrança de ter atendido à solicitação de um jovem casal, com uma câmera na mão estendida em sua direção, num idioma que não importava, sob um sol que não o aquecia, ali, aos pés do redentor. Com a perícia do profissional não se furtou em focá-los na objetiva, apaixonados, para flagrá-los no tempo para sempre em suas vidas, poucos segundos antes deles agradecerem sorridentes, se virarem e nem ouvirem ruído, tampouco alguma voz que pudesse ter proferido a palavra fidelidade.